

José Eduardo Agualusa

# Tudo sobre Deus

PRIMEIRO CAPÍTULO

*Sobre a Solidão*



QUANDO SOUBE QUE ESTAVA A MORRER, Leopoldo G. Borges comprou uma igreja abandonada, no deserto do Namibe, e fez dela a sua última morada. Na primeira noite em que lá dormiu foi despertado por um rumor profundo — logo a seguir, sentiu a terra estremecer.

Abriu o zip do saco-cama e, na escuridão, procurou o iPhone. Viu as horas: 4:13. Acendeu a lanterna do aparelho. Abriu um caderninho de capa amarela, com o número 27 escrito na lombada, a tinta preta, e anotou:

*...Quarta-feira, 2 de abril de 2025, 04:13.*

O chão tremeu levemente, como um vasto animal adormecido, virando-se no sono. Um estremecimento breve, mas inteiro. Foi como

se a igreja respirasse por baixo de mim.  
O silêncio rangendo. As pedras bocejando,  
abrindo um olho, e depois o outro...

A igreja ergue-se a cem metros de um penhasco profundo. Adiante, para ocidente, estende-se o Atlântico. Em redor, expande-se o mais antigo deserto do mundo. Nem uma só casa, nem uma única árvore. Aqui e ali, arbustos espinhosos despenteiam a paisagem. Se caminharmos meia hora para o interior, iremos encontrar os primeiros exemplares de *Welwitschia mirabilis*, essa planta singular, antiquíssima, com a aparência de um polvo, que se tornou um símbolo do próprio deserto. E pedras, claro. Muitas, muitas pedras.

Leopoldo G. Borges, nome com que assinava ensaios científicos e livros de poesia, sempre gostou de pedras. Aos 6 anos, a caminho da escola, encontrou um pequeno fóssil. Chegou a casa agitado:

— Vê isto, papá, vê isto! Encontrei uma pedra que parece uma concha!

O pai, Pedro Fernandes Borges, era um homem penumbroso e melancólico que deixara a sua Goa natal para estudar Medicina em Coimbra, onde conhecera uma jovem angolana, Emília, finalista de Ciências

Históricas e Filosóficas. Apaixonaram-se, casaram, e radicaram-se em Moçâmedes, onde vivia toda a família da moça — os simpáticos progenitores, três tias, uma das quais solteirona, e uma trupe de alegres e ruidosas primas.

O entusiasmo do garoto contaminou o pai:

— É um fóssil — disse-lhe. — Um animal muito antigo que se transformou numa pedra. Guarda-o bem. O teu primeiro fóssil.

Leopoldo perdeu a mãe antes de festejar 6 anos de vida. Um acidente absurdo: ao visitar uma amiga, em Luanda, Emília abriu a porta do elevador e entrou — e o elevador não estava lá. Nos seus diários, Leopoldo refere-se a ela em meia dúzia de entradas, quase sempre para lamentar não a ter conhecido melhor:

*...Terça-feira, 19 de setembro de 2017. Da minha mãe guardo um punhado de vagas recordações. Sei que nenhuma delas é autêntica. Inventei-as ao longo dos anos para melhor suportar a ausência dela. Por vezes, quando fecho os olhos, vejo-a na varanda da nossa casa, em Moçâmedes, o cabelo apanhado num coque, sacudindo*

uma toalha ao vento. Noutras, imagino-a inclinada sobre mim, medindo-me a febre com a palma da mão, ou penteando com paciência infinita o meu cabelo liso. Uma tia contou-me certa vez que Emília gostava de cantar baixinho sempre a mesma canção, enquanto preparava o almoço — «Manazinha», na versão da Lilly Tchiumba. Juro que também me lembro. A cada ano me recordo com mais nitidez — a voz dela deslizando como água. Há ainda o cheiro do sabonete no seu vestido, numa tarde de vento, quando me pegou ao colo após uma queda. Continuo a sentir o algodão áspero na minha cara. Tudo o resto é ficção. Mas será que não é isso, afinal, uma mãe? A ficção que nos protege, mesmo quando já não está presente?

A descoberta do fóssil transformou Leopoldo num colecionador de pedras e, anos mais tarde, num geólogo respeitado. A poesia surgiu um pouco por acaso,

enquanto percorria, como funcionário da Endiama\*, os córregos das Lundas, no Nordeste do país, à procura de jazidas aluviais de diamantes.

A acreditar no que Leopoldo confessou a um jornalista no lançamento do seu décimo livro, *Ensaio Sobre a Solidão*, vinte anos após a independência, a poesia surgiu como alternativa à violência: «Havia muita raiva dentro de mim. Primeiro, antes da independência, raiva contra os colonos, raiva contra o colonialismo. A seguir a 1975, raiva contra os movimentos de libertação, que se matavam uns aos outros. Assassínavam inclusive os seus próprios militantes. A minha vontade era pegar numa catana e começar a cortar cabeças. Ao invés disso, sentava-me de noite, sozinho, no quintal, a escrever poesia, mas era como se estivesse a cortar cabeças.»

Num dos seus diários encontrei o seguinte trecho, que mostra como permaneceu isolado — ou, pelo menos,

---

\* Diamang era o nome original da poderosa Companhia de Diamantes de Angola, fundada em 1917, com capitais portugueses, americanos, sul-africanos e belgas. Após a independência, em 1975, a Diamang foi nacionalizada, passando a chamar-se Endiama. Leopoldo trabalhou na Endiama entre 1980 e 1988. Abandonou a empresa na sequência de conflitos com um dos administradores da mesma. Poderia ter ganho muito dinheiro, quer na Endiama, quer, mais tarde, nos petróleos, após o país ter abandonado o modelo socialista, mas preferiu dar aulas na Universidade Agostinho Neto.

como se sentia isolado — nos anos violentos que se seguiram à independência:

*...Terça-feira, 1 de fevereiro de 2005, 15:44.*

Em Angola, durante os anos da revolução, os anos da ditadura do proletariado, os anos duros, distinguiram-se dois tipos de poetas: os torturadores e os torturados.

Os torturadores mandavam prender, interrogavam, torturavam. Os outros eram torturados. Eu nunca estive preso. Nunca mandei prender ninguém. Nunca torturei ninguém. Ambos os grupos me olhavam com desconfiança. «É preciso vigiar o Leopoldo», diziam os poetas torturadores. Os poetas torturados diziam o mesmo.

A ira era um dos melhores defeitos de Leopoldo. Isto disse-me Ana Maria, que, durante sete intensos anos, entre 2000 e 2007, partilhou a vida com ele. A ira? Sim, as explosões de ira — a justa ira!, a ira sagrada! —, continuou Ana Maria. Era fácil imaginá-lo a cortar cabeças à catanada. Nunca o fez, claro. Mas poderia tê-lo feito.

Sei do que Ana Maria fala. Assisti de perto a algumas dessas explosões. Há uns quinze anos viajei com Leopoldo, desde Luanda até ao Rio de Janeiro, a convite de um festival literário. Lembro-me dele, leve, solto, bebendo cerveja nas alegres noites cariocas, e contando piadas. Estava feliz com o reconhecimento que a sua obra poética começava a obter, expandindo-se para além de um círculo estreitíssimo de devotos.

Certa noite, dividimos uma mesa com um jovem autor português, cujo nome, graças a Deus!, não recordo mais. Lembro-me, contudo, da figura. Era um rapaz alto e magro, com uma cabeleira clara, redonda, que brilhava sobre a sua cabeça como um halo fantástico. Também me lembro que agitava muito as mãos, enquanto exibia a amargura palavrosa de quem se acha genial e injustiçado.

Leopoldo falou primeiro. Explicou que embora a sua poesia proviesse de um lugar de sofrimento e de revolta, era também uma expressão de amor pelo povo simples, os pescadores, os camponeses, seu mundo e linguagens.

Quando a moderadora me passou a palavra elogiei o trabalho do meu compatriota. Salientei que o ofício dele enquanto geólogo — o de escutar a Terra — se refletia na poesia. Toda a poesia de Leopoldo é um esforço de escuta, disse. Reparei, enquanto falava, que

o português se retorcia na cadeira. Mal terminei, o jovem agarrou no microfone e, numa voz estridente, lançou-se num discurso áspero, confuso, atacando o «exotismo tropical» e aqueles escritores africanos que exploram o «remorso do homem branco» para melhor comercializarem os seus livros na Europa.

Ia em crescendo, subindo de tom, multiplicando insultos numa embriaguez de rancor, quando Leopoldo se levantou e, sem pronunciar uma só palavra, o atingiu com um soco no nariz. O português caiu para trás — alguns leitores aplaudiram, outros protestaram —, e quando se levantou, com o rosto coberto de sangue, perdera o halo e a arrogância. A moderadora, aterrorizada, interrompeu a sessão.

O episódio repercutiu na imprensa. Explodiu um escândalo, houve ameaças de processos, e o meu inflamável compatriota nunca mais recebeu nenhum convite para visitar o Brasil.

Leopoldo foi sempre o pior inimigo dele mesmo, prosseguiu Ana Maria. Sabia encantar plateias, e quando acordava bem-disposto tornava-se o homem mais fascinante do planeta. Contudo, magoava-se com um ínfimo reparo, amuava se não lhe dedicavam toda a atenção, e era capaz de morder a mão de quem o afa-gava, só pelo prazer da dentada.

Uma vez organizei um jantar na casa dele, lembra Ana Maria, na altura era ainda a nossa casa, no Kinaxixi, juntando diplomatas escandinavos e meia dúzia de músicos, artistas e escritores da banda. Estava a correr tudo muito bem. Até ao momento em que a embaixadora sueca, uma senhora gentil, de modo plácidos, começou a elogiar o sistema político e social do seu país. Leopoldo tomou o entusiasmo dela como um ataque velado às debilidades de Angola e atacou:

— Tenho pena de todos vocês, pobres diabos, que cresceram em apartamentos minúsculos e gelados! Eu cresci na imensidão!

Na sequência deste episódio, Leopoldo ganhou a alcunha de «Camarada Imensidão», usada tanto pelos melhores inimigos quanto pelos piores amigos. Ainda hoje há quem ressuscite a alcunha, para troçar do poeta nas tertúlias literárias.

Enfim, concluiu Ana Maria, a ira, ainda que justa; o talento para satirizar os erros alheios; a intolerância à crítica; a inveja, o ciúme, o mau vinho, a propensão para a violência e para a melancolia, tudo isso contribuiu para que familiares, amigos, antigos colegas da Endiama, colegas da universidade, alunos e ex-alunos se fossem, pouco a pouco, afastando de Leopoldo.

Foram poucas as pessoas com quem se manteve ligado até ao final da vida — além de Ana Maria, o escritor moçambicano Mia Couto, que conheceu em Maputo, e com quem conversava regularmente sobre corujas e poesia; Corina Miranda, médica e antiga namorada; uma geóloga brasileira chamada Alma e Inácio Brito Capitanga.

PASSAVAM DAS ONZE DA MANHÃ daquela quarta-feira, 2 de abril de 2025, quando, ao arrumar os livros nos nichos dos santos, Leopoldo se apercebeu da fissura. Era recente. Passara o dia anterior limpando a igreja, ele e Inácio, e nenhum deles dera por nada.

A racha fina, quase impercetível, cruzava num rápido ziguezague o nicho principal, onde descansava uma bela imagem, esculpida em madeira e com traços africanos, de Nossa Senhora dos Navegantes. Só podia ter sido o sismo, às 4:13 da manhã, a provocar aquilo.

Leopoldo passou os lentos dedos pela fenda, com ternura, como se acariciasse uma mulher. Encostou a orelha direita à mesma. Permaneceu nessa posição, imóvel, um longo momento. Pareceu-lhe escutar, muito ao fundo, um frágil alarido mineral.

Sorriu, lembrando-se da obra de um artista colombiano, Leonel Vásquez — um intérprete de pedras. Leonel recolhe pedras de rios feridos, ameaçados, expondo-as depois em instalações sonoras.

«*Las abuelas*» — é como o artista chama às pedras.

Os visitantes são convidados a escutar essas avós primordiais, com recurso a diversas tecnologias, de forma a acederem às memórias que as mesmas transportam.

As pedras armazenam informações de distintas formas. Cada minúscula falha num cristal de quartzo testemunha vestígios de dramas e milágres antiquíssimos. Os arenitos guardam nas suas camadas a lembrança de oceanos desaparecidos. Os basaltos preservam — imóvel, congelado — o grito furioso de vulcões extintos. A própria Terra canta em ciclos: placas que se encontram e se afastam, montanhas que se erguem e desmoronam, continentes que ora avançam, ora recuam, num bailado lento.

Ao invés do discurso utilitário e predatório sobre o chão que pisamos, Leonel acreditava na possibilidade de um diálogo, e, em consequência, de uma outra relação entre a humanidade e o planeta.

Leopoldo também gostava de imaginar a Terra como um organismo vivo. Achava que a deveríamos escutar. Encontrei nos seus diários muitas entradas sobre estes temas. Eis algumas delas:

*...Sábado, 1 de junho de 2013.* Escutar foi desde sempre um ato político e ético. Escutar é reconhecer o outro, na sua individualidade e dignidade. Algo tanto mais importante quanto o outro nos for dissemelhante. Amar o nosso semelhante é fácil — difícil é amar o diferente. Difícil mesmo é escutar o outro, nos apaixonarmos por esse outro, quando esse outro nem sequer é um organismo vivo — tal como, regra geral, entendemos a vida. Escutar a Terra. Escutar as pedras. Acho urgente descolonizar a percepção!

*...Segunda-feira, 8 de junho de 2015.*

A Terra vive! Há décadas que repito isto, sempre em voz baixa, num murmuriozinho, para não escandalizar os meus colegas. Sim, a Terra é uma entidade viva e consciente, embora o seu tempo seja outro, e a forma como o seu organismo se organiza e a sua consciência se manifesta ainda escape ao nosso estreito entendimento. Aquilo a que chamamos «vida» ocupa a pele da Terra — vírus, fungos, peixes, aves, árvores, gente. Em alguns dos meus melhores sonhos

consigo intuir, para além da superfície, lá  
bem no fundo, o grave palpar de um  
coração muito remoto. Um campo de forças.  
Uma linguagem mineral.  
A Terra sonha — e, sonhando, ela nos  
inventa.

*...Terça-feira, 1 de abril de 2025, 22:34.*

Se um dia eu deixar de escrever, é possível  
que continue vivendo como uma ausência  
num mapa. Um eco. Um alegre rumor sob  
os pés de alguém.

NUNCA SOUBE A IDADE DE INÁCIO BRITO CAPITANGA. Imagino que fosse uns cinco ou seis anos mais velho do que Leopoldo. Pedro Borges encontrou-o numa rua de Moçâmedes, um garoto minúsculo, calado, andrajoso, de mão estendida — e ofereceu-lhe emprego. Inácio ia para a escola de manhã, na companhia de Leopoldo; ao final da tarde limpava o consultório do médico. À noite dormia lá mesmo, na maca onde Pedro Borges examinava os pacientes.

O menino chegara sozinho ao Namibe, vindo do planalto central, na sequência de um confuso drama familiar.

— Assuntos de feitiçaria — confidenciou-me Leopoldo. — A própria família o acusou de ser feiticeiro.

Nunca escutei a voz de Inácio. «Não é mudo», assegurava sempre o poeta, «apenas sucinto.» O pequeno

órfão e o filho do médico criaram uma amizade silenciosa. Aos 18 anos, Leopoldo foi estudar para Lisboa. Em 1975, aconteceu a Revolução de Abril e, no ano seguinte, Angola proclamou a independência.

Leopoldo só retornou a Moçâmedes em 1983, para o funeral do pai.\* Encontrou — pairando na poeira, no langor, no esquecimento — uma cidade muito menor do que aquela que a sua memória de criança ampliara, e quase nenhum rosto conhecido.

Sorrindo para ele, no salão do aeroporto, estava Inácio Brito Capitanga. Leopoldo convenceu-o a retornar com ele para Luanda. Já então vivia na Maianga, num apartamento enorme, que havia pertencido a um engenheiro português, seu colega na Endiama. O engenheiro abandonou o país em 1982, para evitar ser preso por tráfico de diamantes. Antes de ir, entregou as chaves da casa ao amigo:

— Vais ouvir graves acusações contra mim, Leopoldo. Não acredites em nada daquilo que te contarem. Cuida bem do meu apartamento. Um dia eu volto.

---

\* Moçâmedes mudou de nome após a independência, passando a chamar-se Namibe, como a província. Em 2016, retornou ao nome com que foi batizada em 1785; antes disso, a baía onde situa hoje a cidade era conhecida como Xitoto Xobatua (Buraco dos Passarinhos), Mossungo Bitoto (1485) e Angra dos Negros (1645).

Não voltou.

Depois de ter trabalhado para Pedro Borges durante mais de vinte anos, Inácio passou a cuidar do filho deste, acumulando funções: empregado doméstico, cozinheiro, motorista, confidente, enfermeiro, e, vez por outra, tradutor para umbundo e kuvale. Embora fale pouco, Inácio depressa se revelou um apurado articulador. Chegado a Luanda, tratou de criar uma vasta rede de entreatajuda, reunindo camionistas, camponeses do Bailundo, pescadores do Mussulo, militares, burocratas do partido. Graças a esta rede, Leopoldo nunca passou fome, mesmo nos meses mais desvalidos do período socialista. Inácio cuidou do poeta, com a medicação convencional, e também com rezas, ervas e raízes, quando, em duas ocasiões, a malária ameaçou levá-lo. Além disso, escutou-o e amparou-o nas longas noites depressivas, cerveja após cerveja após cerveja, sem nunca se queixar. Finalmente, foi também ele quem o acompanhou, dias a fio, sob o sol duríssimo do deserto, quando Gaia desapareceu.